

A ESCRITA IDEOGRAFICA DOS SURDOS E MUDOS NO PANFLETO¹

Solange Moreira dos Santos Velozo²

MS. Maribel Chagas de Ávila³

RESUMO

Artigo apresentado a disciplina de Produção de Texto II, no segundo semestre de letras como requisito parcial para avaliação na conclusão do semestre nesta disciplina. Dessa forma o material para o desenvolvimento do artigo foi de livre escolha, mas que tivesse relação com os conteúdos dos seminários ministrados em sala. Partindo desse pressuposto foi escolhido um panfleto e distribuído na sala do segundo semestre de Letras, que tem uma ideografia de surdos e mudos o qual será objeto para desenvolver o artigo. Sendo assim, será analisado na perspectiva de Ler e compreender: os sentidos do texto de Koch (2002).

1. INTRODUÇÃO

Os panfletos foram entregues para os alunos por uma moça que provavelmente seria surda e muda, ao entregar os panfletos ela esperava que os acadêmicos contribuíssem com R\$: 1.00 (um) real ou a devolução do mesmo. Pode ser observado que o material é constituído, por uma escrita ideográfica, uma representação de ideia por meio de sinais que reproduzem objetos concretos.

Conforme Koch (2002), em concepção de leitura, frequentemente ouvimos falar sobre a importância da leitura na nossa vida e a necessidade de se cultivar esse hábito entre crianças e jovens, sobre o papel da escola na formação de leitores competentes,

¹ Este artigo faz parte da disciplina de Produção de Texto II, do segundo semestre do Curso Letras da UNEMAT.

² Acadêmica do 2º semestre do Curso de Letras da UNEMAT/Campus de Cáceres, 2011/1.

³ Professora disciplina de Produção de Texto II, do segundo semestre do Curso Letras da UNEMAT.

com o que concordamos prontamente, sem fazer questionamentos e sem ao menos verificar se o que estamos lendo tem outro discurso.

Portanto, não podemos concordar de pronto com algo, sem fazer-nos uma análise do material que nos chega às mãos e aos olhos. Essa discussão implicará destacar questões como: *o que é ler? Para que ler? Como ler?* Essas perguntas poderão ser respondidas de diferentes modos, os quais revelarão uma *concepção de leitura* decorrente da concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido.

Koch (2002), afirma que a concepção de língua como representação do pensamento corresponde à de sujeito psicológico, individual, dono do sua vontade e de suas ações. Então se pode dizer que cada sujeito interpretará este panfleto de acordo com o seu estado psicológico, individual e dono de sua vontade e de suas ações, sendo assim acredito que isso implicará o sujeito aluno fazer ou não fazer a doação de R\$ 1.00 (um) real ou a devolução do panfleto.

Os corações vermelhos que decoram o panfleto são formas de linguagem utilizadas para cativar o interlocutor, pois, é a significação da parte emocional e expressa também um pedido de atenção e amor por alguns minutos. Os enunciados em verdes pode ser a esperança que os surdos têm de encontrar através da Língua dos surdos, alguém que os trate como pessoas normais e não como deficientes auditivos, e que possam ser recebidos com amor e não com discriminação.

Segundo Koch (2002), a Profa. Carolina Hessel Silveira, da Universidade Federal de Santa Maria/Centro de Educação/Dept. de Educação Especial, as lutas dos surdos pelo direito de se apresentarem como surdos, com uma cultura própria, formando uma comunidade, com uso de Libras, são recentes no Brasil, e têm como resultado, por exemplo, a lei federal 10.436 (24.04.2002) que reconhece “como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS”. Sabemos que a história dos surdos é marcada por lutas entre diferentes modelos de educação e por discriminação social.

A imagem em preto simbolizando uma orelha no canto acima do panfleto é o símbolo dos surdos e a imagem de Charles é o símbolo dos mudos. Como afirma o site

pensador. uol.com. br, “Charlie” Spencer Chaplin foi o mais famoso ator dos primeiros momentos do cinema hollywoodiano, e posteriormente um notável diretor. No Brasil é também conhecido como Carlitos (equivalente a Charlie), nome de um dos seus personagens mais conhecidos. Chaplin foi uma das personalidades mais criativas da era do cinema mudo; ele atuou, dirigiu, escreveu, produziu e eventualmente financiou seus próprios filmes. Chaplin, cujo quociente de inteligência era de 140, foi também um talentoso jogador de xadrez e chegou a enfrentar o campeão americano Samuel Reshevsky. Nasceu em Walworth, Londres, dos pais Sr. Charles e Hannah Harriette Hill, ambos animadores do Music Hall (Koch,2002).

A Língua Brasileira de Sinais é um meio de comunicação que no panfleto quase não se destaca, ficando em segundo ou até em terceiro plano, sucumbido pelos outros discursos no panfleto.

De acordo com, Koch (2002) trata-se de um sujeito visto como um ego que constrói uma representação mental e deseja que esta seja “capitada” pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada. Então, na concepção de língua como representação do pensamento de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto do panfleto é visto como um produto lógico, do pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor senão “capitar” essa representação mental justamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel passivo.

Com foco no autor Koch (2002), onde afirma que a leitura é assim entendida como a atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos sociocognitivo-interacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e sentido está centrado no autor, bastando tão somente ao leitor captar essas intenções, que nesse caso, são as intenções expressas neste panfleto do qual é objeto de estudo. Podemos observar que há uma intenção de comercialização do produto, pois, era entregue os panfletos para os alunos e posteriormente recolhidos 1.00 real ou o produto.

É importante sabermos que fazer leitura não é fazer qualquer leitura, para tanto Koch (2002) fundamentou-se em (Bakhtin, 1992:290), pois em uma concepção

sociocognitivo-interacional de línguas que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processo de interação. O lugar de interação é o texto cujo sentido “não está lá”, mas é construído considerando-se, para tanto, as “sinalizações” textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor, que durante todo o processo de leitura, deve assumir uma atitude “responsiva ativa”. Portanto espera-se que o leitor, concorde ou não com as ideias do autor, complete-as, adapte-as etc. uma vez que “toda compreensão é prehe de respostas e, de uma forma ou de outra, forçosamente, a produz” (Bakhtin, 1992:290). Dessa forma na observação do material analisado pode-se perceber exatamente isso com os enunciados, com o texto do gênero religioso, com as imagens que simboliza tanto o surdo quanto o mudo, com o pedido de atenção para ter mais amor, a escrita ideográfica, a escrita verbal e não verbal e tantos outros sentidos que talvez no momento não esteja relatando, mas que pude perceber isso só depois, pois no primeiro contato com o material não levei em conta todos esses fatores. Comprei para ajudar a moça e lembrei que no 7º e 8º semestre os acadêmicos tem a disciplina Libras, e esse panfleto poderia me ajudar de alguma forma.

In: Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo de ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998, pp.69-70. A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, e de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipada, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

O interlocutor ao ter contato visual com o panfleto na atividade de leitura, assume o papel do *leitor enquanto construtor de sentido*, utilizando-se, para tanto, de estratégias, tais como *seleção, antecipação, inferência, inferência e verificação*. Sendo assim, pode se esperar que o leitor processe, críticas, contradiga ou avalie a informação

que tem diante de si, que a desfrute ou a rechace, que de sentido e significado ao que lê (cf.SOLÉ, 2003:21).

Podemos entender melhor sobre a escrita ideográfica a partir do resumo do livro CAGLIARI, L.C. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, 1990. Escrito por Iara Rodrigues Alho Lopes Mestre em Semiótica, Tecnologia de Informação e Educação Prêmio Victor Civita 2007 - área de história e publicado em 28 de março, 2008. De acordo com Cagliari (1990), está na história da escrita, como veremos a seguir. A história da escrita nos remete à pré-história, a partir do uso das pictografias feitas nas paredes das cavernas. Vista no seu conjunto, a história da escrita pode ser caracterizada como tendo três fases distintas: a pictórica, a ideográfica e a alfabética. A fase pictórica se distingue pela escrita através de desenhos. Os pictogramas não estão associados a um som, mas à imagem do que representar. Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade. Já a fase ideográfica se caracteriza pela escrita de desenhos especiais chamados ideogramas, que, ao longo de sua evolução foram perdendo alguns dos seus traços mais representativos das figuras retratadas e tornaram-se uma simples convenção de escrita. As letras do nosso alfabeto vieram deste tipo de evolução. O ideograma perdeu seu valor pictórico e passou a ser simplesmente uma representação fonética, surgindo, daí, a fase alfabética, que se caracteriza pelo uso de letras. Estas tiveram sua origem nos ideogramas, mas perderam o valor ideográfico, assumindo uma nova função de escrita: a representação puramente fonográfica. O alfabeto passou por inúmeras transformações; primeiro surgiram os silabários, em que cada conjunto de sinais específicos representava uma sílaba. Os desenhos usados referiam-se a características fonéticas da palavra. Os fenícios utilizaram vários sinais da escrita egípcia, formando um inventário muito reduzido de caracteres, cada qual escrevendo um som consonantal. Dadas às características da sua língua, as palavras são reconhecidas facilmente apenas pelas consoantes. Os gregos adaptaram o sistema de escrita fenício, ao qual juntaram as vogais. Assim escrevendo consoantes e vogais, criaram o sistema de escrita alfabética. A escrita alfabética é a que representa um número menor de símbolos e permite a maior combinação de caracteres na escrita. Os caracteres dos sistemas de escrita pictográficos e ideográficos podem se basear na representação semântica correspondente a unidades morfológicas, como os símbolos e

as cartas enigmáticas. Os caracteres ideográficos podem ser usados para representar sílabas, adquirindo um caráter fonográfico. Uma sílaba pode ser representada por uma letra do alfabeto, que é o sistema mais detalhado quanto à representação fonética, representando os sons da fala em unidades menores do que a sílaba. Todo sistema de escrita tem um compromisso direto ou indireto com os sons de uma língua e como as línguas mudam com o tempo, transformando as formas fônicas das palavras, a escrita passa a ser de difícil leitura. Historicamente, muitos sistemas ideográficos foram se reformulando e acabaram incorporando muitos elementos da escrita fonográfica. Assim, o contrário também acontece quando sistemas alfabéticos procuram representações em escritas silábicas ou morfológicas, em geral por necessidade de simplificação do excesso de detalhes que a escrita alfabética produz. As abreviações são uma volta ao sistema ideográfico, assim como os sinais de pontuação e os números, e atualmente, a linguagem dos chats na internet, que para diminuir o tempo de digitação tem sido criado diversos símbolos como “vc” para “você”. As relações de letra e som no português são muito complexas porque quem lê, lê no seu dialeto, e os dialetos vão se diferenciando com o tempo, as formas ortográficas passam a ser lidas de maneiras diferentes e o sistema de escrita vai se tornando cada vez menos alfabético e mais ideográfico. As relações entre as letras e os sons da fala são sempre muito complicadas pelo fato de a escrita não ser o espelho da fala, porque é possível ler o que está escrito de várias maneiras, e há muitos ideogramas que usamos como o R\$ (real), @ (arroba), () (parênteses), logotipos, marcas e placas que também pertencem ao nosso sistema. Cagliari (1990) afirma que apesar de nossa escrita conter elementos ideográficos, ela é fundamentalmente alfabética, tendo como base a letra. Isso precisa ficar bem claro, porque é uma prática comum, nas classes de alfabetização, usar a sílaba como base, trazendo confusões e dificuldades para as crianças. Consideramos corretas as práticas didáticas que consideram a letra como base para o ensino da língua escrita em situação significativa para as crianças, isto é, que a criança saiba o que é para fazer, qual a finalidade, uso e propósito. Nossa prática nos faz crer que iniciar pelo nome das crianças é significativo para elas porque o uso gera interesse, como a utilidade de marcar suas coisas. Comparar o nome das crianças, confrontando as semelhanças e diferenças, discutindo sobre quais letras se escreve este ou aquele nome ou como se

escrevem as letras, proporciona às crianças a construção do conhecimento sobre a escrita.

Como define Koch (2002) na contextualização na escrita, é preciso fazer distinção entre *contexto de produção* e *contexto de uso*. No caso da interação face a face, eles coincidem, mas, no caso da escrita não. Nesta o mais importante para a interpretação é o contexto de uso.

O sentido de um texto, qualquer que seja a situação comunicativa, não depende apenas da estrutura textual em si mesma (dai a metáfora do texto como um *iceberg*). O objeto de discurso a que o texto faz referencia são apresentados em grande parte de forma incompleta, permanecendo muita coisa implícita. Portanto o produtor do texto pressupõe da parte do leitor/ouvinte conhecimentos textuais e enciclopédicos e, orientando-se pelo *Princípio da Economia*, não implícita as informações consideradas redundantes ou desnecessárias. Dessa forma pode-se comprovar no final do artigo com o anexo do panfleto sendo sujeito a novas análises.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOCH, Ingedore Villaça. Ler e Compreender: os sentidos do texto-3. ed.,-São Paulo: 2010.

Fonte: <http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/1796040-alfabetizar-com-s%C3%ADlaba-fonema-ou/#ixzz1QrNPPM18> acessado em 01/07/2011.

Fonte: http://pensador.uol.com.br/autor/charles_chaplin/biografia/ acessado em 01/07/2011.

REVISTA SCIENTIFIC MAGAZINE
www.scientificmagazine.com.br
ISSN: 2177-8574

Verso do panfleto

ALFABETO MANUAL DOS SURDOS

A B C D E F
G H I J K L
M N O P Q R
S T U V W X
Y Z

NÚMEROS

1 2 3 4 5 6
7 8 9 0

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
Você também pode aprender este meio de comunicação

 FAMILIA	 BRINCAR	 TRABALHAR	 SONRISO
 FEIO	 FALAR	 CONVERSAR	 SOM
 MAL	 AMIGO	 CINEMA	 CERTO
 ERRADO	 CIUME	 ENCONTRAR	 HOJE
 VERGONHA	 NAMORAR	 NOME	 AMOR

REVISTA SCIENTIFIC MAGAZINE
www.scientificmagazine.com.br
ISSN: 2177-8574